

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS – HISTÓRIA, MEMÓRIA: considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados¹

Ana Paula Menezes
Mestranda em História (UFGD)

RESUMO: A atual região da Grande Dourados – Sul do Antigo Mato Grosso - foi palco dos projetos do Estado Novo que culminaram com a implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND. Esta colônia teve grande repercussão devido ao desenvolvimento que possibilitou à região, o que lhe garantiu destaque na memória coletiva da mesma. Nesse sentido houve recentemente na cidade de Dourados a tentativa de oficializar esta memória, o que de fato se deu por meio da construção de uma rica iconografia. Sendo assim o objetivo deste trabalho foi analisar esta memória, verificando que na citada região a memória oficial não só mitificou a representação histórica do que supostamente pretendia representar, mas encobriu absolutamente o mais simples e genérico significado da CAND nesta região.

PALAVRAS-CHAVE: Construção; memória; CAND

ABSTRACT: The current area of the Great Dourados – south of what was once Mato Grosso – was the stage of the Estado Novo's projects which culminated in the establishment of the National Agricultural Colony of Dourados - CAND. This colony had great repercussion due to its development, which guaranteed prominence in its corporate memory. In this sense, there was recently in the city of Dourados the attempt to formalize this memory, what actually occurred through the construction of a rich iconography. Therefore, the aim of this study was to analyze this remembrance, verifying that the official memory in the above mentioned region not only mythologized the historical representation of what was supposed to represent, but has absolutely hidden the simplest most generic meaning of CAND in this area.

KEYWORDS: Construction; memory; CAND

¹ Bolsista da Capes

Introdução

Foi na década de 1950, que Dourados recebeu uma “avalanche” demográfica composta de migrantes de diversas regiões do país, mas, sobretudo do Nordeste, os quais saindo de uma terra seca e árida vinham tentar a vida nas terras férteis do Sul de Mato Grosso. Estes migrantes se tornaram colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) ou simplesmente como relatam os ex-colonos - *colônia federal*. Esta abrangia uma extensa área correspondente à atual região da Grande Dourados, formada pelos municípios de Dourados, Fátima do Sul, Vicentina, Jateí, Douradina, Glória de Dourados e Deodápolis. (Cf. NAGLIS, 2008). Estes migrantes aqui se fixaram se tornando pioneiros dos municípios que surgiram a partir da colônia, como é o caso dos municípios da 2ª zona da CAND, esta localizada ao lado direito do rio Dourados, que na época foi desbravada pelos “punhos do colono”, como dizem os memorialistas.

Getúlio Vargas como o idealizador do projeto que culminou na criação das colônias federais ficou imortalizado na memória destes colonos. Ainda que todos os acontecimentos devam ser analisados dentro de seu contexto, as figuras “ilustres” da vertente chamada impropriamente de positivista permanecem na memória popular. Vargas é um dentre os muitos exemplos. Sabe-se que este presidente se tornou um mito em todo o país devido a sua atuação na política brasileira e principalmente por sua política assistencialista. Em todos os lugares do Brasil são comuns as homenagens à sua pessoa. Assim também ocorre, na região da Grande Dourados, onde existem estátuas, nomes de praças, escolas, etc., fazendo menção ao presidente. Ou seja, a figura de Vargas está imbuída na memória popular. Sabe-se que nesta região esta perpetuação acentuada de sua memória se dá tendo em vista os projetos de seu governo aqui realizados e que por sua vez culminaram na criação da CAND que foi decisiva para o desenvolvimento da região.

É neste contexto que falamos da memória local, que faz parte, portanto da construção de uma identidade Sul-Mato-Grossense. A perpetuação da memória de Vargas permanece exposta nas praças, ruas das cidades e na memória individual de ex- colonos e seus descendentes, como pode ser verificado no seguinte relato de um ex-colono:

O Getúlio Vargas foi uma pessoa muito boa Getúlio Vargas, pra mim naqueles tempos o Getúlio Vargas foi o pai da nação, quando Getúlio Vargas morreu, de lá pra cá, aí foi só assim levando abaixo, abaixo, porque o Getúlio Vargas ele trabalhou também na guerra também, porque, como eu falei pra você, aqui foi

doado por Getúlio Vargas, porque foi o sangue do brasileiro que foi derramado não é certo?².

O depoimento evidencia o paternalismo e personalismo com relação à Vargas, impregnado na memória popular. Houve recentemente na cidade de Dourados a oficialização desta memória, com o intuito de representar toda a significância da CAND para a região. Esta oficialização se deu por meio da construção de uma rica iconografia, mas que acabou omitindo o processo histórico que supostamente representaria e perpetuando a memória dos governos nas quais foram construídos.

Neste contexto o objetivo deste artigo foi analisar a memória construída com a implantação da CAND, fazendo algumas considerações acerca da maneira como esta se tem apresentado na região, identificando suas deformidades e de que forma e a que medida a mesma tem contribuído, ou não para a coesão social, visto que, no dizer de Chartier: *o testemunho da memória é a única garantia segura, a prova da existência de um passado que foi e que já não é* (CHARTIER s/d).

A abordagem desta memória espontânea ou coletiva, bem como a memória oficial, será analisada através de alguns ícones, dentre estes os principais são o “Monumento ao Colono”, uma estátua em “Homenagem ao colono desconhecido”, uma estátua representando Getúlio Vargas e o “Cruzeiro” – o marco de implantação da colônia.

No enfoque desta temática foram utilizados como fontes os próprios ícones citados acima, sendo que a representação imagética de três deles (Monumento ao Colono, Estátua Vargas e o Cruzeiro) seguem no corpo do texto, bem como depoimentos de ex-colonos, obras memorialista de autores da região e uma bibliografia referente ao tema.

Implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND)

A região da Grande Dourados foi alvo da Marcha para Oeste - projeto de colonização do governo de Getúlio Vargas. Este projeto estava subordinado ao plano econômico do Estado Novo, que por sua vez estava pautado no processo de industrialização do tipo substituição de importação, visando fazer do país uma potência econômico-industrial e para isso deveria agregar a participação de todos os brasileiros em todos os setores, inclusive no desenvolvimento da forma de exploração da terra, principalmente onde ela era trabalhada

² Depoimento de Belmiro de Oliveira, ex-colono da CAND – entrevistado por Nilton Ponciano em 03/08/1999 em Fátima do Sul. Disponível no Centro de Documentação Regional, Departamento da Faculdade de Ciências Humanas da UFGD (CDR/FCH/UFGD).

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

de forma primitiva. Assim é que em 28 de Outubro de 1943 foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) (Cf. PONCIANO, 2006: 71).

No entanto, devido aos percalços da política, somente em 1948, durante o governo Dutra é que a colônia foi definitivamente implantada e começou a receber migrantes, entretanto foi na década de 1950, no segundo governo de Vargas, em um novo momento político que as migrações tomaram impulso e chegaram a números exorbitantes. Estas foram incentivadas por meio de uma intensa propaganda que incluía um discurso mobilizador pautado em instrumentos simbólicos para incutir o sentimento nacionalista (Cf. LENHARO, 1986: 18).

Foi nesse contexto de intenso fluxo migratório que o SMT³ teve além do quadro demográfico, profundas modificações também em suas estruturas produtivas, com a intensificação da agricultura que veio consolidar a inserção desta região à economia nacional de mercado. No quadro sociocultural também se percebe o aumento das complexidades nas relações entre os sujeitos históricos componentes deste espaço. Têm-se assim o aumento dos embates entre índios e não índios (estes foram omitidos neste processo de implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados quando na verdade grande parte da área onde foi implantada a referida colônia era território indígena); têm-se a presença dos trabalhadores ervateiros e da Companhia Mate Laranjeira (empresa que desde meados da década de 1880, detinha a preponderância da exploração dos ervais nativos existentes nas terras do Antigo Sul de Mato Grosso) (Cf., JESUS, 2004), que apesar de não estar em seu apogeu, ainda desenvolvia suas atividades no ramo da exploração da erva mate nativa. Assim, na região do SMT têm-se dois mundos distintos, formando um complexo universo de vários elementos históricos (trabalhadores ervateiros, índios e novos migrantes) que conviveram por algum tempo em um mesmo espaço. (Cf.: FERNANDES, 2008).

É sabido que muitos brasileiros se beneficiaram com a doação de lotes. Apesar das mudanças no quadro agropecuário do Estado a partir da década de 1970, muitas dessas pequenas propriedades permaneceram durante muito tempo e algumas ainda permanecem atualmente. Sabe-se que todo este contexto é relegado à política estadonovista que

³ Como se sabe, em 1977 o estado de Mato Grosso foi dividido, sendo que sua porção meridional passou a denominar-se *Mato Grosso do Sul*. Para simplificar a redação e evitar o anacronismo, neste artigo, o território que daria origem a esse novo estado é designado como “sul do antigo Mato Grosso”, “antigo sul de Mato Grosso” ou simplesmente “SMT”. Esta sigla foi sugerida pelo pesquisador Paulo Roberto Cimó Queiroz

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

desenvolveu grande parte de seus projetos sob um fundo econômico e conjugou objetivos essencialmente políticos, como a defesa do território nacional, com objetivos econômicos. Estes por sua vez foram possibilitados pelo contexto da época que refletia a expansão do capitalismo e o fenômeno das frentes pioneiras (Cf.: QUEIROZ, 2008).

Dessa forma, a CAND acelerou o desenvolvimento da região da Grande Dourados, o qual foi proporcionado pela fertilidade de suas terras, conforme foi destacado pelos meios de comunicação da época, como o jornal “*O Progresso*” um dos grandes divulgadores desse processo: *data de pouco mais de 3 anos o descobrimento econômico de Dourados a que se prendem diversos fatores que, enfim, podem ser reduzidos num único: o esplendor e a magnitude da terra dadivosa e fecunda que possui* (21 abr. 1951). A CAND proporcionou não só o desenvolvimento demográfico e econômico da região, mas também cultural, visto que milhares de brasileiros de diversas partes do país e um número significativo de imigrantes, dentre os quais, os mais relevantes foram os japoneses, que aqui se fixaram em torno de um objetivo comum - o trabalho com a terra – porém cada um contribuindo para o enriquecimento da diversidade cultural desta região.

Todo esse processo faz parte de um contexto maior, ainda que as idéias e projetos sejam enunciados por um indivíduo, as vivências e práticas do sujeito não podem ser compreendidas isoladas de um contexto econômico, cultural e social. É nesse sentido que falamos da criação de uma memória e de seu poder manipulador.

A memória relacionada à CAND: construção e desconstrução

Segundo Le Goff a memória é vista como propriedade de conservar certas informações e a memória coletiva tende a confundir a História e o mito. Os gregos a viram como algo sobrenatural, transformando-a em uma deusa - Mnemosine - que lembrava aos homens as recordações do passado e dos seus feitos (Cf. LE GOFF, 1992). Portanto é através da mesma que uma sociedade busca as bases de sua identidade. A História é o que ocorre no presente, o que ocorreu no passado não pode ser resgatado tal como aconteceu, o que se tem então são as representações de uma história, ou seja, a forma como enxergamos o passado. Pode-se considerar que sociedade sem memória é sociedade sem História, pois aquela é objeto desta e esta só existe em função daquela. Grandes religiões como o Cristianismo e o Judaísmo possuem na memória a condição de sua existência, pois pautam o presente na rememoração de acontecimentos passados. Sua importância é destacada por Guarinello, ao afirmar que:

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

a memória individual ou coletiva, não é um repositório passivo, mas ativo, atuante, um imenso produto cultural. Memória é o vínculo, material ou ideal entre passado e presente que permite manter as identidades a despeito do fluxo do tempo, que permite somar os dias de modo significativo. É ela que dá sentido ao presente. É essencial tanto para indivíduos quanto para a sociedade ou para grupos dentro dela (Cf. 2004: 29).

Em consonância à citação de Guarinelo é necessário frisar que embora de irrefutável importância para a coesão social, a relação entre memória e História se mostra complexa e ambígua, o que por sua vez exige certo rigor ao se trabalhar com a memória, pois por meio desta a História pode ser mitificada, fazendo surgir no imaginário coletivo “figuras chave”, personalidades ilustres, responsáveis pelo desenrolar de um processo histórico. É o que ocorre, por exemplo, ao se mencionar Vargas como o responsável pelo desenvolvimento da CAND ou atribuir à Hitler a culpa pela Segunda Guerra Mundial. Por isso Le Goff afirma que cabe ao *historiador corrigir os defeitos da memória*, ou seja, o historiador não pode simplesmente preservar a memória construída tal como ela é, sabendo que esta é falha. E se este, não pode e não deve buscar, por que não encontrará nela a verdade absoluta, deverá não destruí-la, mas reconstruí-la, buscando a sua parcela de verossimilhança, identificando o imaginário social da época representada.

Assim a memória é uma forma não só de preservar o passado, mas muito mais que isso, por meio dele dar sentido ao presente, legitimando-o. É o que ocorre no caso da construção de identidades, visto que estas são legitimadas por meio de processos históricos comuns do passado. A reivindicação do Movimento Sionista ao território da Palestina é um típico exemplo da importância da memória para a legitimação da identidade de um povo.

Nesse sentido, é que afirmamos a necessidade da preservação e da construção de uma memória referente à CAND na região acima citada, pois foi esta colônia um empreendimento grandioso que, de fato despertou, como diziam os meios de comunicação da época, a *riqueza adormecida de Dourados*, visto que sua implantação atraiu outros grandes empreendimentos, como as companhias particulares de colonização. Esta colônia contribuiu grandemente para o crescimento demográfico, econômico e cultural da região, portanto suas lembranças fazem parte de sua identidade. Em suas considerações Pollak afirma que *podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, que marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação* (Cf. 1992: 201).

Esta afirmação é pertinente ao nosso caso, a implantação da CAND em Dourados provocou impactos que certamente fará perpetuar sua memória por muito tempo. Antes de

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

se tentar oficializá-la por meio de símbolos materiais ela já se mostrara forte na memória individual e coletiva de ex-colonos, sendo registrada pelos memorialistas da região. Como pode ser visto no trecho a seguir:

Com a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (C.A.N.D.), intensificou-se o maior movimento migratório que já se viu em nosso país, abrangendo todo o território nacional. Imensas levas de colonos dos mais distantes rincões de nossa pátria, com o ardente desejo de possuir um pedaço de terra própria e nela se radicar, para cá se deslocavam [...] E nesse torrão abençoado, se instalaram milhares de brasileiros (LIMA, 1982: 11).

Entretanto, Pollak já anunciara o caráter problemático da memória coletiva, esta tende a ser fantasiada e como afirma Le Goff tende a *confundir a História com o mito*. Contudo, é necessário evidenciar que toda memória é múltipla e que muitas vezes acaba servindo de instrumento para atender a interesses de grupos majoritários priorizando alguns aspectos da História e omitindo outros. Vale enfatizar ainda que essa omissão pode ser consciente ou inconsciente.

Dessa forma, observamos que a memória relacionada à CAND não tem sido aquela que inclui toda a historicidade do processo histórico ocorrido, mas em grande parte aquela que tem perpetuado a figura individual do presidente Getúlio Vargas como o idealizador da colônia. Idéia que não está presente somente no imaginário de ex-colonos, mas de fato, sendo perpetuada por toda a sociedade, como é atestado pelo trecho a seguir de Benícia Couto:

Entre os que defendem a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados como sucesso, destacamos o advogado Harrison de Figueiredo que sempre se dedicou a conhecer as realizações do Governo Vargas. Assinalou: 'Dourados é o que é graças ao Getúlio que criou a Colônia Agrícola, proporcionando o progresso para a região' (OLIVEIRA, 1999: 205).

Sabe-se, entretanto, que a assinatura de um decreto nem sempre é sinônimo de concretização do projeto proposto e que este não nasce da vontade individual, mas de diversos fatores sociais, econômicos e políticos que contribuem para tal, ou seja, é preciso considerar a conjuntura nacional do período para saber de fato quais os fatores que possibilitaram o desenrolar dos acontecimentos históricos. No caso da CAND, quem de fato fez desenvolvê-la não foi o presidente Vargas e sim os colonos anônimos que aos milhares para cá vieram, sendo responsáveis na prática pelo desenvolvimento desta região e que, contudo não deixaram seu nome nos anais da História. Aliás, de acordo com a historiografia até mesmo a própria criação da CAND foi fruto também das reivindicações da sociedade douradense da época, os quais aproveitando a visita de Vargas ao Sul de Mato Grosso em

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

1941 se posicionaram, por meio de organizações de comissões e abaixo-assinados, favoráveis e ansiosos pela criação da Colônia (Cf. NAGLIS, 2007: 35).

É importante frisar que ao falar de uma memória da CAND a crítica maior se dá, não naquela surgida espontaneamente, mas na que é construída, constituindo na expressão de Pierre Nora os chamados *lugares da memória*, que no espaço em estudo se materializa em símbolos e ícones relacionados ao que se quer preservar. Na região da Grande Dourados e mais precisamente na cidade de Dourados, pode ser observada uma notável iconografia vinculada à memória da CAND, são pequenos e grandes monumentos relacionados ao período. O objetivo destes, mais que a ornamentação do local é divulgar e manter certa memória homogênea, considerada como verdadeira. Há algumas escolas e distritos que fazem menção direta à Vargas, como é o caso, no município de Dourados de duas escolas e um distrito. Trata-se da Escola Estadual Presidente Vargas, localizada no centro de Dourados e da Escola Municipal Presidente Getúlio Vargas, localizada no distrito também denominado Vila Vargas.

No tocante à memória iconográfica temos ainda no centro de Dourados, mais precisamente na rotatória das avenidas Joaquim Teixeira Alves com Presidente Vargas (esta dá acesso á antiga Colônia Municipal, hoje Itaporã) uma notável estátua de Vargas. Na cidade de Fátima do Sul - primeira cidade surgida a partir da CAND - a praça central denomina-se praça “Getúlio Vargas”, tendo no mesmo local um busto do presidente. Na entrada da cidade de Dourados há um grandioso monumento em homenagem aos colonos, denominado “Monumento ao Colono”. Na praça central da mesma cidade há uma pequena estátua simbolizando um trabalhador rural, em homenagem ao “Colono desconhecido”. Esta ao contrário de outros monumentos de grandiosa arquitetura passa quase despercebida, permanecendo, assim como seu nome, anônima, estática, sem vida, em meio à efervescência do centro de Dourados.

Estes monumentos trazem encoberta pela beleza estética a historicidade que deve ser buscada pelo historiador que irá usá-la como objeto. Como monumentos, vão além de sua função icônica e revelam processos sociais e conflitos que devem ser analisados. Para efeito de análise, se fará uma breve descrição dos objetos acima identificados.



Fonte: Acervo Pessoal. Monumento fotografado em 04/07/2007

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

A mencionada estátua que representa Vargas encontra-se sob um suporte de concreto, onde foi impresso uma cópia da carta-testamento, abaixo há uma placa indicativa com o nome do monumento e a data de sua inauguração - 24 de Agosto de 1991. Nesta placa constam algumas frases que procuram dar sentido à construção da homenagem, como por exemplo: *A vontade política, um Decreto-Lei, a Colônia Agrícola Nacional de Dourados!; Colonos, heróis anônimos, fizeram da idéia realidade; Ao notável estadista, Presidente Getúlio Vargas, responsável por essa história de progresso e desenvolvimento, a justa homenagem de um povo agradecido.*

O trecho até faz menção aos colonos, pois afirma que foram eles que *fizeram da idéia realidade*, porém o conjunto das frases explicita a exaltação ao presidente, esclarecendo que, é a ele que o povo deve agradecer, pois ele é o responsável por este processo histórico. Este monumento deveria refletir uma homenagem à colônia como um empreendimento que compreendeu não só seu idealizador, mas todo um conjunto responsável por ele e cujos principais atores foram os colonos. Sendo assim, faz-se uma observação com relação à referida data de inauguração, dois meses após, em 28 de outubro, se completariam 48 anos da criação da CAND, logo deduzimos que a intenção maior não foi fazer menção à CAND, mas à Vargas, dedução inexistente se esta data de inauguração não fosse também a data de aniversário de morte desta personagem.

A forma como Vargas foi representado nesta estátua lembra as tradicionais imagens pelas quais o presidente é representado nos livros didáticos, onde está sempre olhando de cima para baixo e sorrindo, passando a impressão paternalista de um presidente feliz e satisfeito com sua obra.

A idéia da construção de uma memória referente à CAND, incluindo seus empreendedores, surgiu na gestão do prefeito Braz Mello, Sendo assim as homenagens se iniciaram pela representação do estadista, *responsável por este projeto de desenvolvimento*. Segundo fala do próprio Braz a estátua representa o presidente olhando na direção da colônia agrícola⁴, o que justifica o fato dela estar de costas para o prédio da antiga Prefeitura (na época chamada de Casarão da João Rosa Góes), o que na época suscitou inúmeras críticas ao prefeito.

⁴ Informação disponível em: http://estoriasededourados.blogspot.com/2009_05_01_archive.html Acessado em 15/03/2010.

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

Quanto ao Monumento ao colono ao contrário da pequena estátua em homenagem ao colono da Praça Antônio João, este é grandioso, sendo impossível passar despercebido sendo o maior monumento relacionado à memória da CAND na região. Encontra-se na entrada da cidade de Dourados, formando uma rotatória. É formado por um aterro onde, de acordo com a definição do arquiteto responsável pela obra, foi impresso em concreto o mapa da Colônia, desse mapa saem florescer cada uma indicando por nome as vilas, distritos e cidades que ali surgiram, do centro do aterro se erguem esplêndidas lâminas de concreto em forma de triângulo com pontas para baixo, sugerindo o crescimento de baixo para cima representando o desenvolvimento da região saindo da terra. As mãos presentes nestas lâminas representam as mãos dos colonos, as quais efetivaram todo esse trabalho (cf. RIBEIRO, 2005).



“O Monumento ao Colono”. FONTE:
Acervo pessoal. Monumento
Fotoarafado em 04/04/2010

Apesar da grandiosidade deste monumento sua representação histórica é a menos conhecida na memória popular, pois ao se tentar rememorar a presença da CAND e os colonos, destacando sua grande importância para a história da região, este acabou por perpetuar outra memória - a da gestão do prefeito durante a qual ele foi construído.

Dessa forma, o processo de historicidade que há envolvido na rica arquitetura deste monumento ficou omissa, sendo que até mesmo seu nome “Monumento ao Colono” não se popularizou, antes em alusão ao citado prefeito apelidou-se a obra de “mão do Braz” se tornando um ponto de referência e perpetuando a memória da gestão Braz Mello em Dourados. No monumento não há nem mesmo uma placa informativa, não se sabe o motivo da inexistência, talvez esteja relacionada a atos de vandalismo (já que o monumento vêm sofrendo deteriorações com tal prática) o que contribui para a omissão do processo histórico que deveria representar e acaba, ao reforçar na memória coletiva sua relação com a gestão Braz Mello, criando outras memórias além de mitos históricos.

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

Outro símbolo da CAND existente na região é O “Cruzeiro” - a pedra fundamental - localizado atualmente no Distrito de Indápolis. Feito de madeira da espécie aroeira em forma de cruz foi lançada pela administração da colônia em 1943. Embora tombado em 1987 pela Lei Nº 1446, este símbolo permaneceu durante muito tempo no anonimato não recebendo a devida atenção. No início da década de 1990 como já foi dito se iniciou as construções dos monumentos urbanos para se preservar a memória da colônia enquanto o Cruzeiro era devorado por cupins.

Em 1993, quando a FUNCED (Fundação da Cultura e educação de Dourados) elaborou um projeto com uma intensa mobilização para a



O “Cruzeiro”. FONTE: Acervo pessoal
Fotografado em 04/04/2010.

comemoração do Cinquentenário da CAND é que o marco foi restaurado e divulgado pela imprensa. A partir desse momento⁵ ganha uma ornamentação – é posta sobre um pequeno aterro com uma cobertura para preservação. Anexa ao tronco da cruz há uma placa informando a data do tombamento, com os seguintes dizeres: *TOMBAMENTO LEI Nº 1446 21/10/1987 IDENTIFICAÇÃO FUNCED*. Ao lado, no aterro consta outra com o seguinte conteúdo: *CINQUENTENÁRIO DA COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS, CAND 28/10/1943 HOMENAGEM DA PREFEITURA MUNICIPAL DE DOURADOS GESTÃO 1993 – 1996*.

Mesmo com a mobilização para as comemorações dos 50 anos da CAND em 1993 a situação continuou a mesma, pois se pleiteava a construção de mais um Monumento enquanto os que existiam, cuja criação havia sido um ano antes, não eram historicizados. Até mesmo o Cruzeiro, para que se conseguisse o apoio do poder público para sua restauração, houve intensa mobilização, visto que o local de origem não é área urbana e talvez ele não servisse de ornamentação e não garantiria fama para ninguém, tendo em vista que segundo os depoimentos, a tora de aroeira, da qual foi feita o Marco original, teria sido serrada, na época por um colono - que atualmente ainda reside no mesmo local - uma chácara próxima ao marco. Estes fatores mais uma vez nos permitem afirmar as deformidades da memória oficial e a prioridade em atender interesses particulares em

⁵ Fundação Cultural e de Esportes de Dourados. *COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS*, Documentação relativa ao ano do Cinquentenário – 1993. Disponível no CDR/FCH/UFGD.

detrimento ao compromisso com a representação histórica e perpetuação da memória da CAND.

Contudo, apesar de conflituosa a memória é a condição para uma sociedade, um grupo ou um povo continuar existindo, seu contrário - a amnésia - significaria o fim de um longo contexto de construção, social e cultural, onde está inserido o passado, mas também o presente e o futuro. Pollak faz uma observação importante a respeito da memória individual e coletiva:

a priori a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser, entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (1992 : 201).

Logo adiante o mesmo autor alerta que a construção desse fenômeno pode ser *consciente ou inconscientemente* (id., ibid., p. 204), sendo assim é que a memória coletiva pode ser usada como instrumento para o alcance de interesses é o que ocorre, por exemplo, com a memória nacional onde são comuns os conflitos para se decidir quais datas, fatos e personagens devam ser gravados na mente do povo. No caso da região da grande Dourados, no tocante à memória local, esta é herdada, mas também pode ser construída como é o caso da memória da CAND, e sendo assim pode ser seletiva, omitindo o verdadeiro, ou ao mínimo coerente processo histórico no qual se insere a colônia.

Como foi explicitado, a idéia concebida na gestão Braz Mello visava à construção de uma iconografia que representasse a importância da colônia agrícola para a região, criando ao mesmo tempo uma memória materializada desse período. Entretanto, observa-se que em muitos casos esta intenção tem sido prejudicada, consciente ou inconscientemente, reforçando, sobretudo, o culto personalista à Vargas. Entretanto, como afirmou Pollak a *memória tanto individual como coletiva é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência* (id., ibid., p. 204).

Para Halbwachs *a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional a forma mais completa de uma memória coletiva* (apud POLLAK, 1989: 01). Entretanto, Pollak não compartilha desta idéia, acentuando o *caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional* (id., ibid., p.02). Desta forma, na memória local não é diferente, o imaginário popular poluído por mitos históricos deve ser desfeito e não reforçado. É preciso desconstruir para poder construir uma memória livre de imposições e oficialidades dominantes. É preciso trabalhar sim por uma memória que deixe

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

transparecer a historicidade do que representa. Que evidencie suas relações e contradições, uma memória que não priorize somente personagens oficiais e nem que sirva de instrumento de manipulação, pois parafraseando Le Goff é *preciso trabalhar para que a memória coletiva sirva para a libertação e não a servidão dos homens* (Cf. LE GOFF: 1992).

Para Vilela, entre a memória coletiva e a memória histórica não há nada em comum:

a memória coletiva e a memória histórica, principalmente no Brasil onde o patrimônio histórico acabou se constituindo através dos marcos de poder institucionalizado, não há nada em comum. Uma é produto de experiências de vida e a outra acabou se tornando instrumento de uma dominação, na medida que, sua constituição sempre procurou construir uma identidade que camufla as divergências sociais(VILLELA, s/d)

Em consonância a citação de Villela, sendo a memória coletiva produto de vivências, é justificável que ela seja deformada e falha, entretanto, entre uma e outra (memória histórica) espera-se que deva haver pontos em comum. É justamente para trazer à tona as divergências sociais omitidas pela memória oficial que deve o historiador trabalhar para não correr o risco de cair no comodismo, afirmando ser comum as falhas da memória coletiva, como de fato são, e por isso se contentando com elas, contribuindo assim para perpetuação de mitos.

Sendo assim, o que se esperava com a oficialização de uma memória da CAND, por meio de uma iconografia era que esta fosse de fato representar o processo histórico que a inspirou, isto é, a implantação e desenvolvimento da colônia por meio do trabalho de seus colonos e assim colaborasse para a sociedade em geral no sentido da compreensão de seu entorno. Mas percebe-se que além de reforçar o culto personalista a Getúlio Vargas, esta memória camuflou o processo histórico que supostamente deveria ser representado, em função, consciente ou inconscientemente de outros interesses.

Considerações finais

Por meio dessas rápidas observações, pode-se considerar que na região da Grande Dourados a construção de uma memória referente à implantação da CAND tem privilegiado outros interesses.

Quando faz referência à CAND têm-se limitado à rememoração da figura do presidente Getúlio Vargas. Este é visto como o responsável pelo processo histórico que envolve a região, omitindo-se assim a participação dos colonos que foram de fato os responsáveis pelo desenvolvimento da Colônia Agrícola.

Foi possível perceber que na memória dos próprios ex-colonos quem permanece imortalizado é o próprio Vargas, pois este é o caráter da memória coletiva - mitificada - pois nenhuma memória é totalmente verdadeira, o que se torna menos ainda em se tratando de memória coletiva, visto que o que ela representa é sempre por meio do imaginário social, a respeito do processo representado.

Considerando então que a memória é ambígua, deformada e seletiva, é o que se observa quanto à construção de um Monumento (ao Colono) que não foi construído com a intenção de homenagear o presidente Vargas, mas os trabalhadores que para cá migraram e que, no entanto, talvez inconscientemente acabou omitindo este propósito e criando outras memórias.

Esta memória oficial é que é preciso trabalhar, pois, ela não é espontânea, mas construída, justificada, e imposta à sociedade, quando na verdade o objetivo maior é atender a interesses particulares. Não se pode, pois cair no comodismo de dizer que é comum que toda memória seja falha, mais ainda em se tratando de memória oficial, pois o próprio Le Goff afirma que o historiador deve “corrigir as falhas da memória”, sendo assim cabe a este não destruí-la em função de uma suposta verdade, mas preservá-la, contudo deve evidenciar suas contradições sociais, pois para o historiador ela é objeto e para uma sociedade, um povo é a base de sua identidade.

Os monumentos analisados fazem parte da memória local, e o objetivo desta seria manter e perpetuar certa memória referente a determinado período ou acontecimento histórico, colaborando assim para a coesão social. Esta mantida por meio de uma história passada, comum à maioria, que reflete no presente, pois todos estão de uma forma ou de outra, ligados a esse processo de implantação da CAND, pois como diz Pollak, *há acontecimentos dos quais nem todos participaram ativamente, mas que no imaginário tomaram tamanho relevo que no fim das contas é quase impossível a pessoa saber se participou ou não* (POLLAK, 1992: 201).

Ainda que com todas as suas falhas a memória precisa ser preservada, pois ela é um elemento extremamente importante no tocante ao sentimento de continuidade e coerência de um grupo, de uma sociedade na construção de si.

No tocante à memória da CAND na região citada pode-se considerar que ela está em fase de construção, mas ao mesmo tempo precisa ser desconstruída, pois se apresenta como uma memória dominante, por impor à sociedade não a compreensão de seu entorno, mas o fortalecimento e a perpetuação de mitos históricos, pois é sabido que a memória tem caráter seletivo e mítico, entretanto, na região da Grande Dourados, a memória oficial não

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

só mitificou a representação histórica do que supostamente pretendia representar, mas encobriu absolutamente o mais simples e genérico significado da implantação da CAND nesta região.

Referências Bibliográficas

A MARCHA de Dourados para o progresso. *O Progresso*, Dourados, 21 abr. 1951. (disponível no Museu Histórico de Dourados).

CHARTIER, Roger. *Defensa e Ilustracion de La nocion de representacion*. [Texto originalmente apresentado em conferência na cidade de Barcelona e gentilmente disponibilizado pelo autor, por intermédio do mestrando André Dionei Fonseca, para consulta dos professores e alunos da Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados].

FERNANDES, José Antônio. *Relações entre as frentes pioneiras e a economia ervateira no Antigo Sul de Mato Grosso*. 2008. Relatório (Iniciação científica). UFGD. Dourados.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História científica, história contemporânea e história cotidiana*. Revista brasileira de História. São Paulo, vol. 24, n. 48, p. 13-38. 2004

JESUS, Laércio Cardoso. *Erva mate: o outro lado, a presença de produtores independentes no Antigo Sul de Mato Grosso*. 2004. Dissertação (mestrado em História). UFMS, Dourados.

LE GOFF. Jacques. *História e memória*. Campinas: Edunicamp, 1992.

LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste*. Campina: Ed. Unicamp, 1986.

LIMA, Alexandrino Ferreira de. *Glória de Dourados: datas e fatos*. [Glória de Dourados]: [s.n], [1982].

NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. *“Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto”: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND (1943-1960)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados.

OLIVEIRA, Benícia C. de. *A política de colonização em Mato Grosso (1937 – 1945)*. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos históricos. CPDOC/FGV. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212. 2002

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Estudos históricos. CPDOC/FGV. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3 – 15. 1989

PONCIANO, Nilton P. [2006] *Fronteira, religião, cidade: o papel da Igreja Católica no processo de organização sócio-espacial de Fátima do Sul/MS (1943 – 1965)*. 2006. Tese (Doutorado em História) – FCL/UNESP, Assis.

COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS- HISTÓRIA, MEMÓRIA: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados- por Ana Paula Menezes

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *Articulações econômicas e vias de comunicação do antigo sul de Mato Grosso* (séculos XIX e XX). In: LAMOSO, Lisandra Pereira (org.): *transportes e políticas públicas em Mato Grosso do Sul*. 2008 UFGD. Dourados

RIBEIRO, Luiz Carlos. Lamentável. Jornal online “O Progresso”, Dourados, 6 jun. 2005. Disponível em http://www.progresso.com.br/not_view.php?not_id=16887. Acessado em 15/03/2009.

VILLELA, Américo Baptista. *Entre a memória e a história: o ofício do historiador*. Trabalho apresentado em seminário organizado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 22 de maio de 1995. Disponível em: http://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/entre_memoria_historia.pdf. Acessado: 22/03/2010.

Recebido em: 06/04/2010

Aprovado em: 25/05/2011